

***FIN DE SIÈCLE OU BELLE ÉPOQUE?***

13-09-97

[Analistas oscilam entre prever uma nova guerra fria e um novo ciclo de prosperidade]

[Ao menos uma coisa é certa: estamos saindo do marasmo que dominou a economia no último quarto de século]

Talvez o mundo esteja para entrar em uma nova etapa de crescimento e prosperidade. Parecida com a do quarto de século que sucedeu à estranha “grande depressão” de finais do século 19. Estamos testemunhando pelo menos duas circunstâncias parecidas que caracterizaram aquela fase de expansão: a abertura de novas fronteiras econômicas e o surto de inovações tecnológicas.

O valor dos investimentos em aquisição de fábricas e instalação de novas linhas de produção passou de pouco mais de 150 bilhões de dólares, em 1991, para mais de 300 bilhões em 1995. As importações vêm crescendo, desde 1990, na Ásia, a um ritmo 9,5% ao ano, e na América Latina a 11%. Negócios com computadores, software e comunicações vêm crescendo a um ritmo bem superior ao resto da economia. Nos Estados Unidos, essa esfera de ponta em alta tecnologia respondeu por 27% do crescimento do PIB dos últimos três anos, comparado a 14% do setor habitacional e apenas 4% do automobilístico. Em 1996, assombrosos 33% do crescimento do PIB vieram das indústrias de informática. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos estão conseguindo sustentar uma taxa de desemprego mais baixa, com uma inflação menor do que as previstas por seus melhores economistas para tais períodos de otimismo. A tal ponto que muitos deles chegam a dizer que “o antigo bicho-papão do capitalismo - o ciclo econômico - foi domado”.

Algo bem parecido ocorreu em meados da década de 1890. Aquilo que o continente europeu cunhou de *belle époque* também teve como pano de fundo semelhante clima de otimismo. Hobsbawm conta que a passagem da preocupação à euforia foi tão súbita e dramática que deixou perplexos todos os analistas contemporâneos. Os economistas que ainda estavam assimilando a teoria marginalista atribuíram aquela virada à descoberta de enormes reservas de ouro na África do Sul e no Canadá. Os de esquerda, como não poderia deixar de acontecer, dividiram-se sobre a necessidade de submeter as idéias de Marx a uma boa “revisão”.

Mas o mais interessante é que foi exatamente nesse contexto que surgiram as primeiras especulações sobre as “ondas longas,” depois associadas ao nome do economista russo Kondratiev devido à sua enorme influência sobre a teoria dos ciclos proposta em 1939 por Schumpeter. Mas Kondratiev não foi o único, nem o primeiro, a revelar a existência de ondas de meio século formadas por uns vinte e cinco anos de expansão seguidos de outro tanto de contração. Na virada do século, Tugan-Baranowsky já sugerira a existência desses ciclos, que ele chamava de ‘industriais’, como partes de um padrão de longo prazo. Isso incentivou os estudos do início do século XX, considerados pioneiros, como os do holandês van Gelderen, dos franceses Aftalion e Lenoir e do franco-suíço Pareto. Sem falar da contribuição particularmente arguta de Alexander Helphand, um revolucionário alemão que escrevia sob o estranho pseudônimo de Parvus.

O fato é que boas previsões - o que não é muito comum em economia - puderam ser feitas com base nas ondas longas. Como diz Hobsbawm, isso “convenceu muitos historiadores e mesmo alguns economistas de que elas contêm alguma verdade, embora não saibamos qual”. De fato, a regularidade dessas ondas durante os últimos dois séculos foi tão impressionante que obriga a desconfiar de uma mera coincidência. As revoluções européias de 1848 marcaram a passagem da primeira para a segunda ondas, que tiveram as crises de 1826 e 1873 como respectivas inflexões entre as fases de expansão e contração. No século XX, a Segunda Guerra Mundial separou a terceira da quarta, com mudanças semelhantes que podem ser localizadas na Primeira Guerra Mundial e no esgotamento dos anos dourados, por volta de 1973. E a passagem da segunda para a terceira, em meados dos anos 1890, foi a única que não esteve associada a convulsões sócio-políticas semelhantes às de 1848 ou de 1939-45.

Admitindo-se a hipótese de que exista algo de verdade nas ondas longas, apesar de não sabermos qual seja, só haveria motivos para otimismo, pois estaríamos justamente no início da fase de expansão de uma quinta onda longa. Mas se, ao contrário, admitirmos a hipótese recentemente lançada por Giovanni Arrighi sobre uma sequência de seculares “ciclos sistêmicos de acumulação,” as perspectivas poderiam ser sombrias. Estaríamos entrando em uma fase de turbulência, que corresponderia ao declínio da hegemonia econômica dos Estados Unidos e à ascensão de uma hegemonia econômica asiática. Neste caso deveria ser levado muito a sério o primeiro fator de risco apontado pelo “futurista” Peter Schwartz no último encontro da *World Future Society* (WFS): o crescimento da China pode levar a uma nova guerra fria.

Tais especulações sobre o futuro não devem ser tomadas como profecias. Quando se usa a história para análises prospectivas, o que se pretende é iluminar melhor o presente. E o que há de comum nos dois prognósticos é que estamos saindo do marasmo que dominou a economia mundial no último quarto de século.